



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **CITÂNIA. UM PROBLEMA DE ETIMOLOGIA.**

CARDOSO, Mário

Ano: 1928 | Número: 38

---

### **Como citar este documento:**

CARDOSO, Mário, Citânia. Um problema de etimologia. *Revista de Guimarães*, 38 (1-2) Jan.-Jun. 1928, p. 21-31.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# “Citânia,,

(Um problema de etimologia)

Pelo comêço do séc. IV o Império Romano estava dividido em *dioceses*. A Península Hispânica, compreendendo também a Mauritània e mais tarde as Baleares, constituía uma delas: — a *Diocesis Hispaniarum*. Cada diocese abrangia um certo número de *províncias*. A província subdividia-se em *conventos*, por sua vez formados por *civitates* <sup>(1)</sup>.

A *civitas* era um agrupamento étnico com organização política autónoma <sup>(2)</sup>, a organização primitiva do território que os Romanos vieram encontrar ao tempo da conquista. Abrangiam assim as *civitates* pequenos povos ou tribus; e por isso tinham também a designação de *populi* <sup>(3)</sup>; juridicamente a reunião de *civitates* ficou, como dissemos, formando o *conventus*. Afirma Plínio <sup>(4)</sup> que, só o *Conventus bracarum*, na Gallaecia, continha 24 *civitates* <sup>(5)</sup>.

O território constituindo a *civitas*, que era por assim dizer uma pequena nação, dividia-se em regiões mais pequenas — *pagi*, ocupadas pela tribu, espalhada

---

(1) Leite de Vasconcelos — *Religiões da Lusitania* — III, 164 e seg.

(2) Alberto Sampaio — *Est. historicos e econom.* — I, 17.

(3) L. de Vasc. — Ob. cit. — II, 76; M. Sarmento — «Materiaes para a archeologia do Concelho de Guimarães», na *Revista de Guimarães* — I, 177.

(4) Plínio — *Naturalis Historia* — L III, 4.

(5) Número aliás considerado diminuto por A. Sampaio. Veja ob. cit., I, 508.

nos diversos *vici* <sup>(1)</sup> (espécie de logarejos ou aldeias, com as choupanas dispersas); na habitação isolada — *aedificium*; e, mais tarde, na casa de campo — *villa* <sup>(2)</sup>.

As *civitates* mais desenvolvidas e populosas possuíam o que os Romanos classificaram com o termo próprio de — *oppidum*, praça forte, permanentemente habitada, maior que o *castellum* e diferente dêste, a qual representava o centro de govêrno e defesa da região <sup>(3)</sup>. O *oppidum* assentava sempre no alto de um monte e era defendido pela própria natureza da posição e por obras de arte militar — fossos, circuitos de muralhas, etc. O refúgio na montanha era por assim dizer um sistema intuitivo de defesa <sup>(4)</sup>.

O *castrum* desempenhava papel idêntico ao *oppidum* <sup>(5)</sup>, não tendo aliás um fim inteiramente igual ao do *castrum* romano, como veremos. A palavra *castrum* substituiu apenas o termo primitivo céltico — *dun*, *dunum* ou *dunon*, que significava «fortaleza», ou o termo *briga*, significando «altura», «castelo» <sup>(6)</sup>. Dêstes temas originários resultaram nomes de localidades, como *Caladunum* <sup>(7)</sup>, *Conimbriga*, etc. O próprio termo *dun* subsistiu ainda com os Conquistadores para

(1) L. de Vasc. — Ob. cit. — II, 85 e III, 170, 176.

(2) A. Sampaio — «As villas do Norte de Portugal», na Ob. cit., I.

(3) Idem, I, 17.

(4) «Dans tous les pays primitifs, le système de défense a été le même; il a consisté à occuper les lieux élevés. Les premières villes de la Grèce et de l'Italie, des Pélasges et des Étrusques, étaient situées au sommet des montagnes et des rochers. Des quartiers de pierres brutes en formaient les murailles; ces enceintes suivaient la configuration du terrain; elles étaient généralement dépourvues de tours. Argos, Thèbes, Sparte, Athènes, Mycènes, ont été bâties dans ces conditions.» — Bulliot et Roidot — *La cité gauloise* (1879), pág. 98.

(5) Leite de Vasc. — Ob. cit., III, 176.

(6) Termos conservados no irlandês arcaico e outras línguas célticas. Veja *Alt-Celtischer Sprachschatz* — A. Holder — Leipzig, 1896. Ver também o que a propósito diz Leite de Vasconcelos — Ob. cit., II, 59, 66, 82.

(7) Mencionada por Ptolomeu (*Ptolemaei Geographia* — anotada por Müller — Paris, 1883 — L. II, c. VI, 38, pág. 162) e não localizada ainda. Veja artigo de Domingos Leite de Castro, na *Revista de Guimarães*, vol. XXVI, 89; Argote — *De Ant. Conv. Brach.* — 1738 — p. 117 e 122; D'Arbois de Jubainville — «Les celtes en Espagne», in *Revue celtique*, tómo XV, 1894, pág. 1-2; etc.

designar uma espécie de *castrum* ou *oppidum* mais pequeno, que representava para o principal como que uma defesa avançada ou ponto de apoio <sup>(1)</sup>. Assim o famoso *oppidum maximum* designado hoje pelo nome de Citânia de Briteiros seria talvez apoiado por dois *duns* estabelecidos próximo, com a frente ao vale do Ave — um, o de Sabroso, a S O, e outro em Santa Iria, a N E.

As hostes romanas vieram assim encontrar, na sua invasão da Ibéria, um território defendido por uma vasta rede de fortificações sucessivas, que tanto obstáculo deviam ter pôsto à redução definitiva do País, e de que Numância é o exemplo formidável, resistindo, sitiada, isolada dos restantes *oppida*, durante quatro longos meses, com os seus 8.000 defensores, aos 60.000 soldados de Scipião <sup>(2)</sup>.

Descendo pois desde a complicada divisão do território, sucessivamente estabelecida pelos Romanos, até à base, ao esqueleto da organização primitiva, encontramos somente — as *civitates* com os seus *oppida* e seus *vici*. Os laços que ligavam, e ligam ainda hoje, as sociedades num estado rudimentar de civilização (como as populações selvagens da Africa, América, etc.) são apenas as afinidades da *família* <sup>(3)</sup>.

(1) A. Sampaio — Ob. cit. — I, 21.

(2) Schulten — *Numantia* — Berlin, 1925, e *Mis excavaciones en Numancia* (trad. esp.) — Barcelona, 1916; *Excavaciones de Numancia* — Memoria presentada al Ministerio de Instrucción Pública y Bellas-Artes por la Comisión Ejecutiva — Madrid, 1912; *El Solar Numantino*, por Don Santiago Gómez Santacruz — Madrid, 1914; etc.

(3) No estudo da vida social, costumes, superstições, etc., dos povos selvagens actuais encontra-se uma estreita analogia com a vida das sociedades primitivas de que descende a civilização hodierna. «O selvagem actual é o homem pre-histórico *sobrevivente*» (R. P. Jalhay — *O que nos diz a Sciência sobre a origem do Homem*, in *Brotéria* — Caminha, vol. II, 1926, pág. 76). Nos domínios da Arte, diz Salomon Reinach: «L'étude de l'art primitif peut se poursuivre de deux manières: par l'observation des sauvages actuels, ou par celle des vestiges qu'ont laissés enfouis dans le sol les sauvages des époques les plus reculées. Il est intéressant de constater que ces deux méthodes conduisent à peu près aux mêmes résultats.» — (*Apollo* — *Histoire générale des Arts plastiques* — Paris — Hachette — 1907 — pág. 2). Cf. também H. Breuil — *Les primitifs actuels et préhistoriques* — Paris — 1923.

Esta constitui o início de todos os agregados humanos. Portanto o verdadeiro sentimento de nacionalidade ainda não era conhecido pelos povos da Península à data da Invasão Romana. Havia certamente o Culto das tradições, dos mortos, dos guerreiros antepassados, mas êsse culto não iria além das tribus do mesmo ramo étnico. Da falta de coesão material e moral entre as famílias da mesma tribo resultavam as discórdias constantes entre êsses povos, em permanente estado de guerra, o que muito facilitou a conquista romana <sup>(1)</sup>, visto que, nunca ou raras vezes se unindo, mesmo contra o inimigo comum <sup>(2)</sup>, eram inevitavelmente batidos em detalhe.

Desta maneira de viver, em constante ameaça do vizinho, devia resultar fatalmente a necessidade do estado permanente de defesa ou de preparação para a guerra, e daí nasceu — o *oppidum*.

O papel do *oppidum*, auxiliado pelo *dun*, o seu satélite, era pois importantíssimo: espécie de couraça da *civitas*, de todo o conjunto, tinha por fim abrigar, em caso de invasão do país e à aproximação do inimigo, a população disseminada pelos *vici* e *aedificia* isolados. O *oppidum* nem era a *urbs* nem o *castrum* dos Romanos. Desempenhava por assim dizer um papel mixto. Em caso de guerra, recebia não só os fugitivos em massa, mas todos os bens que êles podiam conduzir consigo — os seus rebanhos, as provisões dos seus celeiros, as suas bagagens, tôda a sua riqueza, numa palavra. Daí o grande desenvolvimento que tinham os circuitos de muralhas dos *oppida*, pela grande multidão de defensores, incluindo até as próprias mulheres, que em dado momento as iriam ocupar, numa luta acérrima <sup>(3)</sup>.

Permanentemente a população dêsses redutos seria diminuta, constituída talvez, na sua maioria, por oleiros, ferreiros, tecelões, etc. O agricultor devia,

(1) Ainda hoje, nas colónias africanas, um meio prático de conseguir o domínio de certos régulos *hostis*, pelo enfraquecimento do seu poderio, consiste em mantê-los numa constante desavença mútua. É uma habilidosa política de intriga muito em uso.

(2) Schulten — *Hispania*, p. 97 (trad. esp. — Barcelona, 1920).

(3) Schulten — *Numantia* — 1905 — pág. 45 e 54-55.

necessariamente, e de preferência, habitar o vale, a planície <sup>(1)</sup>, pois a esterilidade e secura do terreno pedregoso dos altos não consentia as culturas próprias, produzindo quando muito a alimentação dos rebanhos. Querem porém alguns autores que primitivamente, já porque os homens se dedicassem quasi sòmente à vida pastoril, já porque as culturas se praticassem nos altos <sup>(2)</sup>, os vales, escondidos no emmaranhado da floresta virgem <sup>(3)</sup>, fòssem apenas habitação das feras. O que é fora de dúvida é que a população do *oppidum* variava muitíssimo conforme o estado de paz ou de guerra; é prova clara disso o grande desenvolvimento das suas fortificações em flagrante desproporção com os limitados vestígios das habitações e, consequentemente, com a sua deminuta população permanente <sup>(4)</sup>.

Com a pacificação definitiva da Península operou-se a decadência dos *oppida*: primeiramente, como é natural, uma transformação lenta, a sua romanização, atestada por múltiplos indícios e vestígios da indústria romana, e, mais tarde, o abandõno completo, com a criação das cidades abertas — *urbes*, definitivamente postos de parte os locais altos e incòmodos cuja occupação uma paz duradoira já de forma alguma justificava.

Vemos pois que, inicialmente, a *cidade*, no sentido da designação romana (*urbs*), não existia entre êsses povos de humilde e primitiva organização social, nem tão pouco o têrmo *civitas* tinha qualquer analogia com *urbs* <sup>(5)</sup>. O cantão suíço actual dará uma ideia aproximada da *civitas*.

São portanto os vestígios multisseculares dos antigos *oppida*, uns revelando a influência romana, se

<sup>(1)</sup> Fortunato de Almeida — *Hist. de Port.* — I; 45.

<sup>(2)</sup> A. Sampaio — *Ob. cit.* — I, 26.

<sup>(3)</sup> Orósio, referindo-se à Gallaecia, diz: «Praeterea ulteriores Gallaeciae partes quae *montibus sylvisque* consitae oceano terminantur...» (Edição de 1542 — Colonia — L. VI, c. 21, pag. 389).

<sup>(4)</sup> A não ser que deva presumir-se o desaparecimento completo dos vestígios da maioria das habitações, por estas terem sido construídas com troncos e ramos entrelaçados, e revestidas de barro, sistema de construção que ainda hoje se pratica entre muitos povos selvagens.

<sup>(5)</sup> Fustel de Coulanges — *La Cité antique* — Paris, 1893 — pág. 151.

bem que sem modificações fundamentais (1) (Citânia de Briteiros, etc.), outros absolutamente isentos dessa influência (Sabroso, etc.) certamente por motivo de abandono anterior, coetâneo ou imediato à invasão — essas famosas relíquias do passado que hoje vemos coroando tantos montes do nosso País, especialmente na região do norte. Vestígios semelhantes encontramos não só no resto da Península, mas na Irlanda, na França, etc.

Hoje as ruínas dos antigos *oppida* são conhecidas, entre nós, principalmente pelos nomes de

cidades  
castros  
citânias

Donde provêm tais designações? Vejamos o que até hoje se tem adiantado na investigação etimológica destas palavras, especialmente da última.

Sendo certo que nem os *oppida* eram «cidades», nem a designação *civitas* (donde indiscutivelmente proveio o nome *cividade* e depois *cidade*) significava o que hoje entendemos por «cidade» e os Romanos nitidamente designavam por *urbs*, todavia, às ruínas dos *oppida* ouvimos hoje chamar *cidades*; é pois uma designação imprópria, mas que o uso consagrou, perdida a significação primitiva, quando cessou a organização social que os Romanos transformaram. O termo *cividade* derivou evidentemente de *civitate*, na natural formação do neo-dialecto local, após a Conquista Romana (2). Algumas ruínas são também conhecidas pelo nome de *cidadelhe* ou *cividelhe*, diminutivos de *cidade* e *cividade*.

Do termo *castrum*, também empregado para designar o *oppidum*, se bem que imprópriamente, pois, como fizemos notar, este último era uma praça forte sem similar nos processos de fortificação dos

(1) Alberto Sampaio — Ob. cit. — I, 23.

(2) A. Sampaio — Ob. cit. — I, 18.

Romanos, abrigando uma guarnição muito diferente e portanto com uma estrutura e fim diverso do *castrum* e do *castellum*, — derivou a designação *castro* ou *crasto* <sup>(1)</sup> e daqui os deminutivos *castrêlo* ou *crastêlo*, *crestêlo*, *cristêlo*, *crestim* e *crastil*. Em Trás-os-Montes cita também o Sr. José L. de Vasconcelos (*Port. pré-historico*, pág. 47) um *Castrilhão*, que terá derivado de um hipotético *castrilho* (deminutivo de *castro*, ou do espanhol *castillo*, castelo).

Semelhançemente, de *castellum*, deminutivo de *castrum* <sup>(2)</sup>, derivaram as designações por que são conhecidas muitas ruínas — *castelo* e *castêlo* ou pelos seus deminutivos *castelinho* e *castelejo*.

Menos vulgar a designação de *cêrca* (do latim *circa*), como as ruínas do *Monte da Cêrca*, em Vila-Chã (Barcelos), a *Cêrca dos Mouros* (Favaio — Trás-os-Montes), e *crôa* (de *corona*), como a *Crôa do Amonde*, na margem esquerda do rio Ancora, nomes empregados certamente por motivo dos vestígios dos círculos sucessivos de muralhas que rodeiam o núcleo das habitações dos *oppida* <sup>(3)</sup>. Igualmente é pouco vulgar a designação de *cabeço* (do b. latim *capitium*, do lat. *caput*), como *Cabeço de Argemela*, entre Fundão e Covilhã, *Cabeço dos Mouros* (Torrão, Idanha-a-Velha), etc.

A derivação etimológica de tôdas estas designações das actuais ruínas dos *oppida* é, por assim dizer, intuitiva. Mas a origem do termo *citânia*? <sup>(4)</sup> Onde

<sup>(1)</sup> *Crasto* é uma transposição popular (metátese) semelhante a *trasto* por *teatro*. Em certas regiões de Itália, o povo diz *Crapi* em vez de *Capri*.

<sup>(2)</sup> *Lexique des antiquités romaines* — G. Goyau — Paris, 1896 — pág. 48.

<sup>(3)</sup> Diz Sarmiento a propósito do *Monte da Cêrca*: «Donde lhe provem a denominação de *cêrca* não m'o soube explicar o meu guia, bem que já me tivesse falado de uma *parede antiga que circuntava a corôa do monte.*» — (*Revista das Sciencias nat. e soc.*, vol. III, pág. 66).

<sup>(4)</sup> A população de Briteiros e vizinhanças pronuncia *Citaina*. Os eruditos do século XVI confundiram *Citânia* com a *Cinânia* de que nos fala Valério Máximo; êsse ponto está hoje esclarecido (veja *Rev. de Guim.*, vol. XXXVII, 24). No Concílio de Lugo, no reinado do suevo Teodomiro, alude-se a uma *Gitânio* ou *Getâneo* pertencente à Sé de Braga; na divisão dos termos das dioceses de



iremos perfilhá-lo? Temos em primeiro lugar que pôr a questão nos seguintes termos: tratar-se há de um nome próprio ou de um apelativo?

Em 1877, na Conferência Arqueológica realizada em casa de Martins Sarmiento, após a visita às ruínas da Citânia de Briteiros, foi proposto aos conferentes, entre outros, o seguinte problema:

- 1.º — ¿ O nome de *Citania*, dado às ruínas existentes no monte de S. Romão (em Briteiros), no monte da Saia (concelho de Barcelos), no monte de S. Romão (em S. Fins de Ferreira) e noutras localidades mais é um nome da mesma categoria que os de *cividade* e *cidade* com que são designadas entre nós outras povoações arruinadas — ou é porventura um nome puramente local?
- 2.º — ¿ O nome de *Citânia* é na essência o mesmo que o de *Cytian* das Ilhas Britânicas de que nos dão conta os arqueólogos ingleses? ¿ Terão *Citania* e *Cytian* a mesma etimologia e exprimirão a mesma coisa? »

Dêstes quesitos se conclui a existência de mais de uma estação arqueológica com o nome de *Citania*. Sarmiento localizou quatro, conhecidas por esta denominação: as três acima citadas e mais outra no concelho de Baião (1), se bem que tal designação seja mais ou menos duvidosa para tôdas, excepto para a de Briteiros (2). Modernamente se tem dado igualmente êste

---

Espanha, feita no tempo de Vamba, fala-se também numa *Letânia* pertencente a Braga. ¿ Haverá qualquer relação entre Citânia e estes nomes? Se assim fôsse, teríamos aqui a mais antiga referência conhecida a esta palavra. (Veja: Argote — *Memorias Ecles. do Arcebispado de Braga* — 1734 — II, 804, 811; Fr. Henrique Flores — *Espana Sagrada* — 1756 — IV, 132, 234).

(1) Veja Número Especial da *Rev. de Guim.* — 1900, pág. 93.

(2) Há quem suponha também que o castro de Saoroso é designado vulgarmente pelo nome de *Citânia*; nunca porém tal denominação teve êste *dun*, nem para o povo nem para os eruditos. Na página 650 do «Compte-rendu» da 9.ª Sessão do Congresso

nome a outras ruínas de castros, a algumas da Galiza, por exemplo, pôsto que com a reprovação de certos autores (1).

Ora o facto de existirem várias ruínas com tal nome parece querer levar-nos à conclusão de que se trata de um nome genérico, como *cividade* ou *castro*. Martins Sarmiento (2) inclinava-se para esta opinião, à qual todavia punha restrições.

¿O que responderam os estudiosos portugueses ao questionário que lhes foi proposto em 1877? Infelizmente para a sciência, surgiram as mais fantasiosas soluções, formuladas aliás com ar de notável segurança crítica, mas que os métodos rigorosamente filológicos não permitiram adoptar (3). Portanto a questão, neste ponto, continuou no mesmo pé e a pergunta mantem-se ainda hoje: — ¿Tratar-se há de uma designação genérica ou de um nome puramente local?

Sobre a filiação do termo em — *civitas* é curioso citar a opinião de alguns eruditos:

Virchow — «...*Citania* rappelle *cité*, *city*, *civitas*: quelques philologues ont voulu faire dériver cette dénomination d'un radical celtique. Je ne m'en mêlerai point; je dirai seulement que l'on peut constater l'existence de ce nom depuis des siècles; ce dont on

Internacional de Antropologia e de Arqueologia pre-históricas, em Lisboa (1880), lê-se a seguinte nota de Sarmiento, no relatório de Virchow, anteriormente publicado no vol. VII, p. 334 de «*Zeitschrift für Ethnologie*»: «Le mot *Citânia* paraît être une désignation générique; cependant parmi nos anciennes stations il n'y en a que quatre, auxquelles cet appellatif, si c'en est un, soit attribué, et Sabroso ne fait point partie de ce nombre; pour les autres même, cette dénomination est plus ou moins douteuse.»

(1) *Boletín Arqueológico de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*, 1925, tómo VII, n.º 163, pág. 301: artigo de D. Juan Domínguez Fontela intitulado «*Citanias no — Un error toponímico*». Este autor contesta, com certos argumentos, a designação de *Citânia* como termo genérico; é porém menos feliz na conclusão acerca da etimologia desta palavra, cuja origem julgou descobrir, mas as deducções apresentadas são insubsistentes.

(2) *Revista de Guimarães*, XXXII, 8; *Revista das Sciencias Naturaes e Sociaes*, III, n.º 12, p. 191.

(3) Rodrigues Ferreira — *Ruínas da Citania* — pág. 6; Filipe Simões — artigo «*Citania de Briteiros*» no *Instituto* (1877), XXIV, p. 280. Etc.

peut conclure qu'il doit être très ancien. Je ne saurais dire non plus, si l'on peut affirmer, comme M. Hübner prétend le faire, que toutes ces stations soient connues par le peuple sous un tel nom" (1).

Cartailhac — "Il serait assez naturel d'aller chercher dans la langue latine l'origine de ce terme qui rappelle assez bien *civitas* d'où nous même avons fait *citta*, *citê*. Quelques philologues ont songé à des étymologies compliquées qu'il est inutile de discuter" (2).

Sarmento aventou, com reservas, a derivação de *civitas*. E cita um castro próximo de La Guardia (Galiza) que tem o nome de *Cividanes*, palavra talvez resultante de *civitanes* pelo abrandamento do *t* em *d*; se nesta última palavra se houvesse dado a contracção do *vi* em *u* (como *ciudad* por *ciudad*), teríamos então a forma *Ciutanes*, já bem próxima do termo *Citânia* (3).

Ao Sr. J. Leite de Vasconcelos também não repugna a derivação de *civitas*, e diz: "*Citania* parece-me estar por *civitatania* ou *civitatanea*, palavra correspondente a *civitanus* (de *civitas*, como *oppidanus* de *oppidum* e *vicanus* de *vicus*)" (4).

De opinião análoga é Adolfo Coelho, afirmando: "*Citania* pode ser *civitanea* contraído por *civitatanea* (como *apiedar* por *apiedadar*, *trigo* por *triticum*, etc.". Porém acrescenta, prudentemente: "Mas se uma tal derivação é gramaticalmente (morfológica e foneticamente) possível, faltam os dados históricos que a comprovem" (5).

Hübner discorda de tal derivação (6).

Carolina Michaëlis vai mais longe, asseverando que se alguém lhe pudesse apontar, em qualquer texto

(1) *Compte-Rendu* do Congresso Intern. de Antr. e de Arqueol. pre-hist. de 1880 — pág. 650.

(2) *Agès préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* — Paris (1886) — pág. 273.

(3) *Revista das Scienciaes Naturaes e Sociaes*, vol. III, n.º 12, p. 192.

(4) «Curso de lingua portugueza archaica» na *Rev. Lusitana* — III, p. 34; *Portugal prehistorico* — pág. 62.

(5) Carta a Martins Sarmento em 5-4-1877. (No Arquivo da Sociedade M. Sarmento).

(6) «*Citania*» na *Archeologia Artistica* — 1879 — fasc. V, p. 5, 16; e «*Citania* — Weitere Alterthümer aus Portugal» no *Hermes* — *Zeitschrift für classische philologie* — Berlim, 1880 — p. 598.

do baixo latim, a forma *civitania* por *civitas*, nunca de tal forma resultaria *citania* mas sim *ciudanha* ou *cidanha*, como *Igeditania* deu *Idanha*. E acrescenta que todos os nomes próprios com a terminação —*ania*, —*tania* são formações eruditas e não populares (1).

Alguns estudiosos embrenharam-se por outros caminhos, em busca de origens complicadas, aproveitando a sugestão de Sarmento sôbre a analogia de *Citania* com o nome de *cytian*, plural de *cyt* (2).

Em 1877, Adolfo Coelho, preocupado com o assunto, pergunta a Sarmento, a propósito de *Citânia*: «¿ Qual é a forma mais antiga dêste nome? ¿ E' assim que êle se acha nos escritores ou documentos medievais? ¿ E' assim que êle se acha em antigas inscrições, nos autores gregos ou latinos? Desgraçadamente creio que não há muito por onde responder a êste questionário.» E, noutra carta, em 78, ainda sôbre o mesmo assunto: «¿ E' a designação dada às ruínas verdadeiramente popular (V. Ex.<sup>a</sup> citara-me a forma *Citaina* dos lavradores), ou passou dos eruditos para o povo? ¿ Sabe-se alguma coisa particular sôbre o seu modo de transmissão? ¿ Quais foram os primeiros escritores nossos que mencionaram *Citânia*? ¿ Sabe V. Ex.<sup>a</sup> a época dos documentos de Braga que, diz-se, aludem a *Citânia*?»

Eram indispensáveis estas ou outras bases idênticas para o erudito formar uma opinião concreta e segura. Mas elas faltaram, certamente, pois que, após uma verdadeira lição de lingüística, esgotado por completo o assunto, Adolfo Coelho concluía, vencido: — «*Citânia fica ainda um enigma*» (3). E assim tem continuado, decorrido meio século, à espera do Oedipo que o decifre.

MÁRIO CARDOZO.

(1) *Archeologia Artistica* — Pôrto — fasc. V, pág. 16, 17 — nota.

(2) Em Gaelico: *cot*, —*a*, —*achan* — cottage, tugurium, casa; Germânico: *kot*; Ingl.: *cot*, *cottage* — cabana. Veja *Rev. de Guim.* — XXXII, 9 e XXXIII, 97.

(3) Veja do mesmo autor: «Ensaíos de Onomatologia celtoliberica» na *Rev. d'Ethnologia e de Glottologia* (1888) — fasc. I, p. 36 e seg.; e *Revue celtique* — Paris — tómo V (1881-83) — p. 272.